



ISMAIL KADARÉ
O Nicho da Vergonha

ISMAIL KADARÉ

O *Nicho*
da Vergonha

Tradução do francês por
ARTUR LOPES CARDOSO

Índice

| | |
|---|-----|
| 1. No Coração do Império..... | 7 |
| 2. Nos Confins do Império..... | 23 |
| 3. Entre os Confins e o Coração do Império..... | 43 |
| 4. Coração do Império, Dia Nublado | 71 |
| 5. Nos Confins do Império, Dia Encoberto | 89 |
| 6. Ainda nos Confins..... | 131 |
| 7. Entre os Confins e o Centro. «Cra-Cra» | 169 |
| 8. Coração do Império. Fim. | 181 |

No Coração do Império

Os seus olhos cruzavam-se incessantemente com os dos transeuntes e dos turistas que afluíam, de todos os lados, à praça. Esses olhares, como os de todas as multidões em movimento, estavam absortos, um pouco perdidos, mas mal o vislumbravam, imobilizavam-se. As pupilas, apanhadas de surpresa, procuravam, aparentemente, refugiar-se nas profundezas dos crânios, mas, não conseguindo fazê-lo, mantinham-se no lugar e aguentavam o espetáculo que ele lhes oferecia. A maior parte dos espectadores empalidecia, alguns eram acometidos de náuseas e só muito poucos dentre eles mantinham os olhares fixos nos seus olhos. Eram olhos desdenhosos, que não se poderia dizer se eram azuis, cinzentos ou brancos, uns olhos aos quais, de facto, era difícil atribuir uma cor, porque, mais do que uma tonalidade, tinham o reflexo longínquo do vazio.

Entretanto, depois de finalmente terem desviado os seus olhares, os turistas apressavam-se a perguntar como podiam dirigir-se à Catedral de Santa Sofia, aos túmulos dos sultões, ao banco, aos antigos amãs, ao Palácio dos Sonhos. Apesar do tom quase febril das suas perguntas, a maioria não se afastava, ficando a dar voltas na praça, como animais numa armadilha. Talvez fosse porque a praça, embora de dimensões bastante modestas, era uma das mais típicas no coração do Império plurissecular. Pavimentada com granito esverdeado, parecia fundida em bronze. E as cabeças de leões do mesmo

metal que se perfilavam por detrás dos gradeamentos do edifício dos Arquivos Centrais do Estado, de que uma ala se estendia até ali, a cúpula em chumbo da Mesquita dos Sultões, um obelisco com hieróglifos, troféu trazido do Egito depois da conquista, alguns séculos antes, diversos emblemas e símbolos do Império, todos em metal, e por fim a própria Porta do Canhão, em cuja parede fora construído o Nicho da Vergonha, tudo vinha confirmar a impressão de solidez proporcionada pelo pavimento. Na língua do país, chamavam ao nicho «pedra da abominação», o que era uma outra forma de dizer «castigo da ignomínia».

Compreendia-se facilmente por que razão o nicho onde eram colocadas as cabeças cortadas dos vizires rebeldes ou das personalidades do Império caídas em desgraça fora construído precisamente naquela praça. Em nenhum outro lugar, talvez, o olhar pudesse captar com tanta facilidade a relação entre o pesado estatismo da secular praça imperial e a cabeça cortada daquele que quisera desafiá-lo. Compreendia-se que o local na parede fora escolhido precisamente porque de lá os olhos extintos da cabeça davam a impressão de abarcar toda a praça com o seu olhar. As coisas haviam sido feitas de tal modo que até mesmo o menos imaginativo dos transeuntes não pudesse deixar, nem que fosse apenas por um instante, de imaginar a sua própria cabeça ali colocada, àquela altura nada natural – um pouco mais acima do que a cabeça de um homem de pé, mas mais abaixo do que a de um homem a cavalo.

A praça dava realmente uma impressão de solidez sem par. Sentia-se em todo o lado a aliança do metal e da pedra. Até mesmo na esplanada do café que ficava diante do nicho, onde as pessoas bebiam café durante todo o dia, o metal, parecia, tivera o cuidado de se manifestar no meio dos gestos indolentes e íntimos dos bebedores de café, sob a forma de pesadas cafeteiras e gomis de cobre colocados sobre as mesas.

Era aí que vinham geralmente tomar café os antigos pregoeiros públicos do Estado que, por motivos de idade ou em virtude da doença profissional própria da sua atividade, a extinção da voz, se tinham reformado. O dono do café confiara a Abdullah, o guardião do Nicho da Vergonha, que, nas suas conversas, esses veteranos se limitavam a evocar antigos decretos e notícias que outrora haviam anunciado por todo o país.

De manhã, antes de a praça se animar, o guardião do nicho deleitava-se a observar longamente a esplanada do café. Ele próprio, uma vez terminado o seu serviço, gostava de ir sentar-se numa das mesinhas – algo que fazia raramente, todavia, porque o médico desaconselhara-lhe o café. Abdullah tinha apenas trinta e um anos; era um homem enfezado, de longos membros franzinos, que sofria de zumbidos nos ouvidos que se comunicavam como um mal-estar difuso a todo o seu corpo. O café que serviam era, como tudo o mais naquela praça, muito forte. Apesar disso, Abdullah ousava, por vezes, mandar vir uma chávena. Então, gostava, curiosamente, de se sentar perto de uma mesa em redor da qual se instalavam geralmente os antigos pregoeiros públicos. As suas goelas, que outrora haviam feito vibrar as vidraças, agora já só emitiam uns rangidos lastimosos. E, no entanto, dizia o dono do café, davam a entender que os decretos de antanho eram mais imponentes que os éditos atuais e que eles próprios haviam desempenhado as suas funções com mais solenidade do que os seus sucessores, hoje em dia. O dono contara a Abdullah que esses pregoeiros, agora reduzidos ao silêncio, se lembravam todos não só do dia em que a doença os atingira, mas também do firmão que estavam a anunciar e inclusive da frase que pronunciavam no momento em que, bruscamente, a sua voz se extinguiu para todo o sempre. «Eis como são os homens», dizia. «Rancorosos. Nunca esquecem nada.»

Durante as suas horas de serviço, quando se cansava de contemplar o café de longe, Abdullah voltava os seus olhares para as

lanças das duas sentinelas que se encontravam de guarda, dia e noite, diante do nicho. Mas era um espetáculo muito monótono e só lhe prestava atenção nos momentos em que a praça estava deserta. Em contrapartida, logo que se enchia de gente, achava interessante acompanhar, com os olhos, o movimento das pupilas dos mirones ou dos turistas confrontado pela primeira vez com a cabeça. Sabia bem que a visão de uma cabeça cortada não era um espetáculo habitual para ninguém e, todavia, parecia-lhe, o terror e a perturbação que se liam nos rostos dos espectadores ultrapassavam os limites do imaginável. Tinha a sensação de que o que mais os impressionava eram os olhos, e isso não porque fossem olhos de mortos, mas porque, como toda a gente, tinham o hábito de ver os olhos de um homem apenas como uma parte do seu corpo. E talvez fosse precisamente essa ausência de corpo, dizia Abdullah para consigo, que fazia parecer os olhos da cabeça cortada maiores e mais importantes do que eram na realidade.

Na verdade, estava convencido de que, em geral, as pessoas tinham, também, menos importância do que se atribuíam. E por vezes até, quando o crepúsculo se aproximava, quando a Lua, antes da hora, deixava cair a sua claridade sobre a praça, tinha a impressão de que todos os homens, incluindo ele próprio, não eram mais do que elementos impuros que vinham quebrar a harmonia da praça real. Estava impaciente por a ver esvaziar-se a fim de poder contemplar à vontade – apesar de o seu horário oficial de trabalho ter terminado – a luz glacial da Lua que banhava tudo ao redor. Por vezes, essa luz caía obliquamente sobre o nicho e, consoante a altura da Lua no horizonte, a cabeça assumia então uma expressão de zombaria ou de total indiferença. Imaginava que, ao libertar-se do tronco e dos membros como de um vão aparelho, se tornara mais ou menos digna de figurar ao lado dos símbolos e dos emblemas seculares da praça. Nesses momentos, ele próprio, acometido de um desejo extático de

autoaniquilação, sentia, algures no fundo do seu ser, a vontade de se libertar dessa incómoda tralha oblonga constituída pelo seu corpo e os seus membros, e de se condensar totalmente numa cabeça. Mas esse desejo era tão vago, estava tão profundamente mergulhado em si que nunca conseguia aflorar à superfície da sua consciência.

Durante o dia, o rosto de Abdullah tinha sempre uma expressão imóvel. Era natural e inerente à natureza do seu serviço. De certa forma, devia harmonizar a sua atitude com a fixidez do local. Era o guardião de um dos principais atributos desse local e o seu aspeto tinha de ser digno da sua função. Todavia, embora se mantivesse apenas a uns passos do nicho e fosse bem evidente que ele, e só ele, era o guardião do mesmo, ninguém, espantosamente, lhe prestava atenção. Todos, com um ar bastante esgazado, tinham os olhos fixos no nicho. Uma certa inveja, tímida, como diluída num grande vaso entre todos os tipos de outros sentimentos, invadia calmamente o guardião.

Talvez pela milésima vez, observava os monumentos da praça, como para se convencer de que ainda estava longe da perfeição que lhe teria permitido figurar a seu lado. As únicas coisas miúdas e pouco imponentes eram, aos seus olhos, os hieróglifos do obelisco egípcio, semelhantes, parecia-lhe, a insetos que se teriam imobilizado bruscamente ao deslizarem sobre a pedra. Por vezes, quando não estava nos seus dias, tinha a impressão de que os hieróglifos iam animar-se subitamente e começar a mover-se, como se pretendessem tentar abandonar para todo o sempre aquele ordenamento de pedra e metal e partir, como nómadas, de regresso ao seu deserto. Mas isso só lhe acontecia raramente, em momentos de lassidão; mais raramente ainda, em momentos de prostração, sentia o desejo de fugir ele próprio assim, como um inseto, para fora dessa armadilha de granito.

Era de manhã. Da Rua das Armas Islâmicas, do cruzamento onde se erguia a Coluna de Tokmakhan, da vizinha Praça do Crescente e das outras três ruas que desembocavam na praça afluíam basbaques e grupos de turistas. Abdullah, com o olhar imóvel, acompanhava os seus movimentos nervosos. Um turista mais ousado avançara mesmo até diante do nicho. A julgar pelas rugas da sua testa e pelo esforço de concentração que se refletia nos seus olhos, podia perceber-se que se esforçava por ler a curta inscrição gravada sob a cabeça. Abdullah sabia essas linhas de cor: «Esta cabeça é a do vizir Bugrahan Paxá, condenado pelo sultão soberano por se ter coberto de vergonha na guerra e ter sido vencido pelo traidor do Império, Ali de Tepelenë, antigo governador da Albânia.»

O relógio da vizinha Praça do Crescente deu dez badaladas. Abdullah avançou, encostou uma escada de madeira à parede abaixo do nicho e, no meio de um murmúrio de terror e estupefação, começou a subir gravemente os degraus. Sentia que, atrás de si, a multidão ficara petrificada na espera. Ouviase murmurar: «Que lhe vai fazer, que lhe vai fazer?» Era, para ele, um dos momentos mais excitantes do dia: de súbito, todos os olhares convergiam sobre ele. Naturalmente, não tinha o direito de fazer o que quer que fosse à cabeça. Nem sequer tinha o direito de lhe tocar. A sua única tarefa consistia em controlar o seu estado, no conjunto, e, se observasse algo insólito, prevenir imediatamente o médico.

Esquivando-se, como de costume, ao olhar da cabeça, Abdullah contemplou durante alguns segundos a pequena bandeja de cobre sobre a qual, colado numa fina camada de mel, repousava o pescoço. O mel coagulara. Estava-se em dezembro e a temperatura não parava de baixar. Sempre de costas voltadas para a multidão, Abdullah desceu a escada, com todas as cautelas. Os murmúrios, «Que lhe fez? Que lhe fez?», extinguiram-se em breve e encontrou-se de novo no lugar habitual.

Durante um certo tempo, mirones e turistas olhavam-no com respeito, mas isso não durava muito, porque afluía uma nova vaga de pessoas, que não tinham assistido à sua inspeção, de tal modo que muito em breve a atenção geral se desviava dele. Às quatro horas da tarde, recomeçava a função. Segundo o regulamento, a inspeção da cabeça devia fazer-se duas vezes por dia, no inverno, e quatro, no verão. Nos meses quentes a operação era mais penosa. Tinha de ter o cuidado, constantemente, de espalhar pela bandeja cubos de gelo e sal e, além disso, enquanto no inverno só enviava ao médico dois relatórios breves por semana, no verão tinha de dar conta, ao final de cada tarde, do estado da cabeça.

No termo desse verão (o primeiro desde que entrara ao serviço) houve uma inspeção geral do local. Foram para ele, verdadeiramente, dias de angústia. Mais de uma vez teve a impressão de estar prestes a perder o seu emprego para sempre, e talvez até mais do que o emprego. A comissão governamental encarregada da inspeção era muito severa. O guarda da Coluna de Tokmakhan foi condenado a prisão perpétua por causa de uma mancha de ferrugem que se encontrava a um pé acima do solo, do lado oeste. A comissão deteve-se durante um longo momento diante do Nicho da Vergonha. Na época, albergava a cabeça do vizir rebelde de Trebizonda. Como se procurassem pretextos para acusar o médico e o guardião de terem violado o «regulamento sobre a manutenção das cabeças dos condenados», os membros da comissão puseram-se a fazer-lhes uma data de perguntas insidiosas sobre a lividez do rosto e a palidez dos olhos. Abdullah permaneceu mudo, mas o médico defendeu-se como um belo diabo, lembrando à comissão que o vizir, ainda em vida, tivera uma tez lívida, como todos aqueles que têm a rebelião e a traição no sangue, e quanto à cor dos olhos (na verdade, era fácil verificar que tinham começado a apodrecer), lembrou à comissão o antigo ditado segundo o qual os olhos são o espelho da

alma, acrescentando que, de acordo com esse adágio, era inútil procurar uma cor, fosse ela qual fosse, nos olhos de um homem que nunca tivera alma. De certeza que os membros da comissão julgaram pouco convincentes, para não dizer fúteis, as justificações do médico, mas era difícil repudiar tais argumentos. Viram-se obrigados a bater discretamente em retirada e todo o assunto se reduziu a uma admoestação a Abdullah, que foi prevenido de que seria despedido à primeira infração.

Abdullah achava a cabeça do vizir de Trebizonda uma coisa maléfica, de mau augúrio para a sua carreira e só acalmou quando foi finalmente retirada do nicho para ceder o lugar à de Nuri Paxá, um governador de trinta e sete anos, o «paxá louro», como lhe chamavam em vida por causa do tom claro do seu cabelo e da sua pele. Ao final dessa tarde, depois de terminado o seu serviço, Abdullah foi sentar-se pela primeira vez no café da frente para tomar lá um café. O dono, que o reconheceu, acolheu-o com deferência. Tinha uma tez amarelada, olhos próximos e umas têmporas que inchavam de cada vez que se aproximava de um cliente, com a cafeteira na mão. Com o café, trazia também uma conversa especial, muito natural, que parecia fluir do bico do seu recipiente ao mesmo tempo que o fio de líquido negro. «Os homens são malfazejos e incorrigíveis», disse ele a Abdullah, enquanto lhe deitava o café na chávena. Em seguida, Abdullah ouviu-o encetar conversa da mesma forma com quase todos os clientes. Alguns davam-lhe a entender, com um sinal, que não desejavam ouvi-lo a desenvolver este tema; outros, sem qualquer sinal, assumiam um ar tão severo que o seu discurso se extinguia de imediato; outros ainda encorajavam-no, por meias-palavras, e então ele prosseguia. O bico da cafeteira de cobre estancava-se, mas ele não. «Os homens são malfazejos», repetiu, dirigindo-se a Abdullah. «Pelo modo como olham para a cabeça cortada, poderíamos crer que a sua visão expulsou do seu espírito qualquer intenção

de cometerem uma baixeza, mas apercebemo-nos bem de que, mal viram as costas, já só sonham com más ações.»

Nesse dia, Abdullah descobrira uma certa semelhança entre a cafeteira de cobre e o rosto do dono do café. Algo, talvez a cor da pele, ou a curva do nariz, se encontrava no recipiente. Ou talvez, ainda, fosse o seu rosto que, ao longo dos anos, começara a parecer-se um pouco com a cafeteira de cobre. Se assim não fosse, dizia o dono do café, encorajado pelo olhar de Abdullah, todas aquelas cabeças que se sucediam no Nicho da Vergonha teriam ensinado qualquer coisa aos homens. O fio de café parara de correr, mas o dono continuava a falar. Sentara-se inclusive, durante um momento, à mesa de Abdullah e dizia-lhe que estabelecera laços de amizade com os seus dois predecessores. Abdullah sabia que o nicho só existia há alguns anos. Quanto ao dono do café, lembrava-se com precisão da data das primeiras obras. Lembrava-se inclusive do dia em que os inspetores do palácio imperial tinham vindo pela primeira vez à praça, das suas idas e vindas, das medições, das marcas feitas na parede e, finalmente, da chegada dos dois pedreiros e da primeira pancada do martelo e do cinzel na parede da Porta do Canhão. Na altura, ninguém, nem sequer os trabalhadores, sabia por que se abria essa cavidade na parede secular. O segredo fora rigorosamente guardado, mesmo após a conclusão dos trabalhos, e inclusive até à própria manhã daquele inesquecível dia de inverno (foi em dezembro, como agora, disse o dono do café) em que descobriram, colocada no nicho de pedra, uma cabeça de homem. Sim, em dezembro, repetiu o dono do café, e nevava. Era uma cabeça com cabelos brancos. Os flocos de neve rodopiavam pela praça e dir-se-ia que aquela cabeça e o céu negociavam entre si.

Abdullah lembrou-se de que fora então, precisamente, que ouvira pela primeira vez a palavra «separatismo». Agora, o termo estava na moda. Pegara-se inclusive à língua rápida dos turistas estrangeiros. O nicho fora instalado na parede no

momento em que recomeçavam as tentativas de secessão. As antigas crónicas dos Arquivos do Estado estavam cheias de rebeliões de províncias, mas esses movimentos haviam-se intensificado sobretudo ao longo dos últimos anos. O Império era o Estado mais poderoso da época, um Superestado, como lhe chamavam os seus inimigos, que se estendia por três continentes, compreendia vinte e nove povos, trinta e três nações, quarenta línguas e quatro climas. Era natural, portanto, que nessa mistura, partes inteiras do Estado se encontrassem em situação de rebelião, como estava há quase um ano a antiga terra das preocupações, a Albânia. O seu paxá, Ali de Tepelenë, o mais poderoso dos vizires do Império, após um quarto de século de desobediência silenciosa ao soberano, tirara finalmente a máscara e entrara em guerra. Abdullah ouvira discutir amiúde as rebeliões e participara até nessas discussões, mas nunca pensara que viria um dia em que seria nomeado guardião da «pedra da abominação», que materializava da forma mais estranha tudo o que podia pensar-se, dizer-se ou espalhar-se a propósito do separatismo.

O relógio da praça vizinha deu as onze horas. A praça estava quase cheia. Entre a multidão, cujo fluxo interminável lhe causava vertigens, distinguiu o médico que se aproximava, cheio de vivacidade. Era o dia da sua visita semanal.

«Bom dia, Abdullah!», disse o médico, num tom jovial.

«Bom dia!», repetiu Abdullah, inclinando a cabeça sobre o peito.

«Como vão as coisas?», inquiriu o médico, que ergueu os olhos para o nicho. «Quando vai ser o teu casamento?»

«Na próxima semana», respondeu Abdullah, que se sentiu corar.

«Ah! Ah! Então está próximo», disse o médico, que esfregou as mãos com um ar de contentamento e depois acrescentou: «E se dêssemos uma vista de olhos a este patife?»

«Como quiser», respondeu Abdullah dirigindo-se à escada de madeira que se erguia sob o nicho.

Os guardas, de lança na mão, observavam a multidão pelo canto do olho. O médico subiu rapidamente a escada, poisou o estojo num canto do nicho e, depois de ter lançado um olhar à cabeça, começou a apalpá-la com os seus dedos experientes, primeiro nas têmporas e depois por cima dos olhos e na garganta, acompanhando todos estes gestos com um leve gorjeio. Em seguida, abriu o estojo, tirou de lá um frasco e um pouco de algodão em rama que embebeu no líquido contido na garrafinha e começou a limpar cuidadosamente a cabeça em todos os locais onde pousara os dedos. Depois, retirou outro frasco de dimensões mais reduzidas e, socorrendo-se de um conta-gotas, verteu-lhe um pouco desse outro líquido nos cantos dos olhos. Por fim, tendo terminado, colocou de novo no estojo os frascos e o algodão em rama restante, enxugou no último momento uma gota de líquido numa das maçãs do rosto pergamináceas e deu uma leve pancadinha na outra, com um gesto quase adulator, como se quisesse dizer-lhe: «Estás muito bem de saúde, não tens nada.»

«Muito bem», disse, em voz alta, fazendo um gesto de contentamento com a mão e descendo a escada. «Até à próxima, Abdullah!»

Abdullah seguiu-o com os olhos enquanto se afastava entre a multidão, mais espantado com o seu ar alegre do que teria ficado caso ele tivesse mostrado o rosto mais sombrio e mais sinistro do mundo.

Abdullah captou de novo o ronronar monótono e atroador da praça, na qual, de vez em quando, como ilhotas de espuma a flutuar à superfície do mar, se erguiam fragmentos de frases e de palavras. Ele era o rochedo contra o qual se vinham quebrar esses pedaços de notícias. Escorriam sobre os papos dos seus olhos, ao longo das suas faces, pelo queixo. Abdullah ficava completamente encharcado, como se tivesse enfrentado uma

tempestade de neve... É é a cabeça de quem... a cabeça... de quem... essa cabeça... ça... Do general... do gen... Bugrahan Paxá... gene... vencido por Ali Paxá... e porque é que a puseram... porquê... puseram... e porquê no... da Vergonha... o nicho... como... porque foi vencido... Mas esse Ali... esse paxá... Ali de Tepelenë... como dizes... o paxá rebelde da província da Albânia... E onde fica essa província? Oh! É muito longe... não leste os jornais?... É nos confins do Oeste... os confins... os confins malditos do Império... Podes repetir o nome... Shqi... Shqi...¹ Já não te oiço, há demasiado barulho... que nome!...

«Essa província deve ficar realmente muito longe», pensou Abdullah. O seu irmão mais velho fora nomeado para um cargo lá, no verão passado, e, no entanto, ainda não recebera qualquer carta dele. Todas as vezes que, na praça, evocavam a Albânia, e por causa da cabeça isso acontecia amiúde nesses dias, recordava-se involuntariamente de uma costeleta de cavalo em sangue que vira outrora, ainda criança, no mercado. «Um país muito distante», tornou a dizer de si para consigo. «Muito distante e que dá azar.» Tavdja Tokmakhan, o herói lendário dos janízaros em cuja memória se erguera a coluna na praça, encontrara lá a morte, também, quatro séculos antes. Era verdadeiramente um país maldito. O médico explicara-lhe uma vez que a guerra para a conquista desse país começara quatrocentos e cinquenta anos antes e continuara durante um bom século. Quanto sangue turco fora derramado para levar a bom termo essa conquista! Mas fora necessário ainda mais sangue, subsequentemente, para manter sob domínio esse país. E quem sabe quanto sangue ainda seria derramado no futuro... Por vezes, Abdullah pensava que talvez tivesse sido melhor o Império livrar-se de alguns desses fragmentos que estorvam, do mesmo modo como se corta uma

¹ Primeiras letras de «Shqipëri» (Albânia, em albanês). (*N. do T.*)

excrescência de carne. Mas esses momentos eram raros e, além disso, sempre que uma tal ideia lhe cruzava o espírito, os seus olhos procuravam involuntariamente as jubas de leão e outros símbolos de cobre que, apesar de imóveis, lhe pareciam brilhar com um temível fulgor interno.

O ronronar da praça envolvia-o suavemente por todos os lados. As pessoas falavam desses malditos confins ocidentais do Império e da revolta dos seus habitantes, os Albaneses. «A periferia do Império está em guerra», dizia alguém. «Lá, o glorioso Hurshid Paxá bate-se contra o rebelde Ali Paxá. O padixá não vai partir para a guerra como outrora? Quando?... Não faço a menor ideia.» Um dervixe da Bessarábia dizia a outro: «Esses Albaneses só sabem fazer isso, levantar a cabeça; a sua cabeça levanta-se sozinha, como que inconscientemente.» Outros falavam da subida na Bolsa dos títulos do cobre, dos testes de determinadas armas novas, que se esperava que fossem realizados precisamente durante a guerra, e de mudanças possíveis no Ministério da Guerra. «Não te espantes», repetia um turista a um companheiro, «na próxima estação a cotação da nossa moeda no Banco Central e até o número de vistos turísticos concedidos pelas embaixadas do Império dependerão diretamente da sorte desta guerra.»

Abdullah ouviu de súbito que se abrisse uma falha no bruaá habitual da praça. Durante alguns momentos, ela ficou vazia e, depois, como regatos, correram para ele os murmúrios, a pergunta «Quem é?» feita a meia-voz e o fragor das rodas de uma carruagem. Ouviam-se, aqui e ali, as palavras «o alto dignitário Halet», «eis Halet que passa», e Abdullah pôs-se em bicos de pés para ver melhor. A carruagem que transportava o alto funcionário passava a alguns passos dele.

Abdullah fixou os olhos naquele rosto magro, oblongo, de pele fina, onde as veias desenhavam finas linhas azuis. O véu

de indiferença total que cobria o seu olhar e a maneira particular como pousava a cabeça nas costas do assento separavam-no totalmente da multidão que fervilhava, curiosa, à sua volta.

Abdullah lembrou-se do que o médico lhe contara a propósito das pessoas cujo sangue não coagula facilmente. «Nesses casos», dissera-lhe, «têm de colocar-se no mel da bandeja onde se pousa a cabeça determinadas substâncias não previstas pelo regulamento.» Queixava-se continuamente do regulamento. «Está na hora», repetia, «de o rever à luz dos novos dados da ciência.»

«Já só me falta isso, ter de lidar com cabeças dessas!», disse Abdullah para consigo, seguindo com os olhos a carruagem que se afastava no outro extremo da praça. Estava quase convencido de que a cabeça de veias azuladas do alto funcionário Halet era uma dessas.

«Foi ele», disse uma voz junto ao ouvido direito de Abdullah, «que recolheu as queixas contra Ali Paxá, *o Albanês*, e redigiu o relatório definitivo destinado ao sultão.»

Lembrava-se bem do dia em que tinham tornado pública a rebelião do paxá albanês, do eco que a notícia suscitara na capital, da publicação do firmão que transformava o nome de Ali Paxá em Kara Ali, isto é, «Ali, *o Negro*», e a publicação, no mesmo dia, do decreto que ordenava a repressão. Lembrava-se dos sussurros nas ruas e nos cafés, sobretudo nos meios de artistas e de pessoas cultas, e daquele brilho nos olhos, um brilho febril, que neles cintilava de cada vez que determinados acontecimentos vinham agitar a vida do Império.

Pouco depois da passagem de Halet, Abdullah sentiu que o estado de espírito da multidão, na praça, mudara. Isso notava-se na monotonia das vozes, na repetição das perguntas: «É a cabeça de quem? Porquê? Onde fica então a Albânia? É Hurshid Paxá que comanda lá as nossas forças, a cotação do cobre, os vistos turísticos... «O local parecia uma piscina

cuja água se renova sempre. O seu balbucio anónimo tinha um efeito calmante. Atualmente, é Hurshid Paxá que se bate contra o rebelde Ali, *o Negro*. Os preços do bronze subirão de novo, do bronze, na Bolsa, onze, onze... onze...

Abdullah dirigiu o seu olhar para o nicho. A cabeça de Ali de Tepelenë, o vizir da Albânia, não deveria tardar a ser colocada ali. O glorioso Hurshid Paxá partira para se apoderar dela. Agora, era o herói do dia. Todos os jornais falavam nele. Traria de lá a cabeça do rebelde, ou deixaria lá a sua, como acontecera ao infeliz Bugrahan dois meses antes. Quando da sua partida para a Albânia, o nicho estava vazio. Fora na época das primeiras geadas do inverno. A boca fria aberta na parede parecia faminta. Desde então, aguardava a cabeça do convidado importante da capital, de Ali Paxá, mas em seu lugar veio a do vencido, Bugrahan, cortada por ordem do soberano, porque fora derrotado. Indiferente, o nicho continuava a aguardar Ali, *o Negro*, ou o glorioso Hurshid, favorito do imperador.

Talvez pela milésima vez, Abdullah contemplou a cabeça. Em virtude de uma ligeira obliquidade da secção do pescoço, provocada pelo machado no momento da degolação, ou resultante talvez da própria estrutura do corpo da vítima, parecia inclinar-se um pouco para o lado. Abdullah recordava-se muito bem da partida para a guerra do vizir Bugrahan. Agora julgava lembrar-se de que também então, na sua montada majestática, o vizir tinha a cabeça um pouco inclinada. A praça que estava cheia dos sons das marchas militares, com as bandeiras a flutuarem sobre a Porta do Canhão e a Coluna de Tokmakhan, os altos dignitários do Império que tinham vindo saudá-lo, os alunos das escolas religiosas trazendo ramos de flores, os discursos antes da partida, tudo isso se gravara fortemente na sua memória. Mas, acima de tudo, não podia esquecer o momento da partida, quando Bugrahan Paxá, respondendo com um gesto da mão à multidão, voltara durante um momento a sua cabeça

para o nicho, para a desviar de imediato. Dois meses depois, quando, na primeira quarta-feira de dezembro, um pouco antes do nascer do dia, o mensageiro Tundj Hata, acompanhado pelo médico e dois funcionários do Protocolo, trouxera a cabeça de Bugrahan vencido para que fosse colocada no nicho, a primeira coisa de que Abdullah se lembrara, num relâmpago, fora esse breve olhar que Bugrahan lançara, então, ao nicho vazio.

O relógio da praça vizinha bateu o meio-dia. O café da frente estava cheio de gente. O frio tornava-se mais rigoroso. Do local onde se encontrava, Abdullah julgava distinguir claramente a morosidade de uma parte dos clientes do café, esse «cortejo fúnebre de antigos pregoeiros públicos», como dizia o médico ao falar deles. Abdullah sabia que se bebesse lá um café forte acompanhado de um pouco de haxixe, os seus olhos veriam de uma forma diferente toda essa multidão que girava e ondulava incessantemente sobre o solo de granito da praça. Fizera a experiência mais de uma vez. A multidão humana transformava-se, aos seus olhos, numa multiplicidade de corpos e cabeças cujos movimentos nervosos revelavam a sua impaciência por se separarem uns dos outros. Via-se bem que havia ali um desentendimento tão antigo como o mundo. Nesses momentos, Abdullah tinha a sensação de que todas aquelas golas, aqueles colarinhos levantados, aqueles xales e francaletes, graças aos quais os homens mantinham atados e bem juntos a cabeça e o corpo, tudo isso era feito para impedir essa separação. Mas observara que quanto mais essas golas e esses colarinhos eram brilhantes e bordados a fios de ouro (o que correspondia à medida da posição dos seus portadores na hierarquia do Estado), mais obstinada era essa tendência para a separação. Quando chegava a esse pensamento, Abdullah passava instintivamente a mão pelo seu pescoço coberto apenas com o colarinho da sua camisa e esse movimento da sua mão era acompanhado por um sentimento de tristeza, também ele baço e incolor como tudo o mais na sua existência.